

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONASES  
ESCOLA SUPERIOR DE  
ARTES E TURISMO CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**ISABELA DE CARVALHO LILLO VALLE**

**E TUDO MUDOU:  
CARTOGRAFIA DOS AFETOS E EXPERIÊNCIA PERFORMATIVA EM  
TEMPOS PANDÊMICOS**

**MANAUS - AM  
2022**

**ISABELA DE CARVALHO LILLO VALLE**

**E TUDO MUDOU:  
CARTOGRAFIA DOS AFETOS E EXPERIÊNCIA PERFORMATIVA EM  
TEMPOS PANDÊMICOS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Bacharelado em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo – Universidade do Estado do Amazonas, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Bacharel em Dança.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Meireane Carvalho.

**MANAUS - AM  
2022**

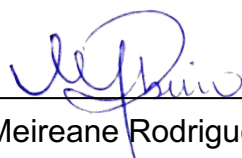
**ISABELA DE CARVALHO LILLO VALLE**

**E TUDO MUDOU:  
CARTOGRAFIA DOS AFETOS E EXPERIÊNCIA PERFORMATIVA EM  
TEMPOS PANDÊMICOS**

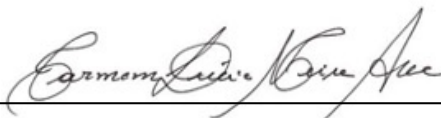
Este trabalho de conclusão foi julgado adequado para obtenção de Grau de Bacharelado em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas e aprovado, em sua forma final, pela Banca Examinadora.

Manaus 27 de Maio de 2022

**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
Orientadora: Profª. Dra. Meireane Rodrigues Ribeiro de Carvalho



\_\_\_\_\_  
Profª. Ma. Carmem Lúcia Meira Arce



\_\_\_\_\_  
Profª. Verlene Ferreira Mesquita

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Eleonora Fabião em registro da Ação #1 - Converso sobre qualquer assunto.....	21
Figura 2 Relógio da Matriz e prédio espelhado em contraste.....	37
Figura 3 - Grades no entorno da Praça da Matriz: espera e descanso. ....	39
Figura 4 - Início do ato performativo “Converso sobre a pandemia”.....	40
Figura 5 - Afetos de contato e distanciamento na experiência performativa. ...	40
Figura 6 - Diálogos sobre a pandemia. ....	42
Figura 7 - Capturas de N.H. ....	43
Figura 8 - Diálogos com H.L.....	44
Figura 9 - Capturas de H.L.....	45
Figura 10 - Mudança de estratégias.....	46
Figura 11 - Capturas de S.J. ....	47
Figura 12 - Capturas de M.E.....	47
Figura 13 - Intensidades no chão da praça.....	48
Figura 14 - Intensidade nas grades da praça.....	48
Figura 15 - Intensidades sobre o corpo.....	49



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>1. PERSPECTIVAS CONCEITUAIS SOBRE CARTOGRAFIA.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 O CORPO DOS AFETOS - PERCEPÇÃO NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA</b>	<b>17</b>
<b>2. NARRATIVAS POLÍTICAS DO CORPO SENSÍVEL NO COTIDIANO .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 EXPERIÊNCIAS DE SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 CORPO NA PERFORMANCE – CORPO DE RESISTÊNCIA .....</b>	<b>24</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>4. DIÁLOGOS CORPORAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA PANDÊMICA .....</b>	<b>33</b>
<b>4.1 E, DE REPENTE... TUDO MUDOU - PERCEBENDO E DISCUTINDO</b>	
<b>UTENSÍLIOS EXISTENCIAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>4.2 PRIMEIROS CONTATOS - AFETAÇÕES DO ESPAÇO.....</b>	<b>36</b>
<b>4.2 SENSACIONES QUE EMERGEM A PARTIR DO OUTRO.....</b>	<b>38</b>
<b>CONVERSO SOBRE A PANDEMIA .....</b>	<b>39</b>
<b>4.3 ENTRE O CONTATO E O DISTANCIAMENTO.....</b>	<b>41</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

Este projeto pretende estudar sobre os afetos nos atuais tempos pandêmicos, fazendo um deslocamento para olhar o distanciamento e contato no ambiente urbano. Esta pesquisa se concentra na linha “Corpo, Contemporaneidade, Produção de Linguagem e Estética na Dança”. Sob este cenário, entendemos que a pandemia trouxe mudanças em todos os âmbitos da sociedade. As relações de contato foram afetadas na vida humana, de modo que, mesmo quem sempre gostou de estar só, sentiu falta de poder viver em coletivo, afinal o distanciamento deixou de ser uma escolha e passou a ser uma restrição imposta e obrigatória. Os hábitos do dia a dia mudaram para enfrentar a anormalidade. O próprio sentido de normal sofreu variações que podem ser constatadas em expressões como “o novo normal”, que se refere aos hábitos surgidos com a pandemia, tais quais o uso de Equipamento de Proteção Individual – EPI, isolamento e distanciamento social e mais uma série de outras medidas protocolares de segurança. Pelo protocolo sanitário, o contato com pessoas e coisas precisou ser intermediado por várias novas ações como limpar as mãos e objetos constantemente com álcool em gel, trocar de máscara com frequência, usar luvas, toucas etc. Pegar coisas, falar com pessoas, comprar em supermercado, adentrar em drogarias, ir ao médico, entre outras, são atividades que passaram por mudanças conturbadas e produziram outros modos de relacionamento. O estar perto e longe no período da pandemia pode significar modos de afetações no ser humano. Aqui reside a micropolítica do corpo para sobrevivência e a política de poder para morte, dois polos de complexa discussão que provocam a subjetividade desejanter (ROLNIK, 2013) do artista e para propor visão de mundo na escritura do corpo de relações e afetações diante da pandemia. É o que tem me inquietado como proposta de pesquisa na vivência do lar, com pessoas, trabalho, universidade, nos cruzamentos da vida cotidiana.

A experiência performativa inserida no espaço público promove a ressignificação das percepções espaço-temporais e suas ressonâncias no contexto da crise sanitária pela qual passamos. Segundo Mbembe (2011) “as

formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror”. Nos encontros entre corpo e lugar no tempo em que vivemos reside nossa inquietação. Nesse caso, a pesquisa nos direciona para a cartografia dos afetos, desenhada a partir dos entrelaçamentos entre conceitos de Deleuze e Guattari (2010), Tuan (1983), Passos e Barros (2010), Passos e Eirado (2010), Rolnik (2016), Mbembe (2011). Entendemos que seus discursos nos ajudam a compor diálogos e fruição dos processos de percepção do ambiente e leitura artística performativa sobre a temática do corpo na experiência do lugar, política de mobilidade, corpo de resistência, afetos na relação de reinvenção do corpo no espaço. Acreditamos, enquanto corpo inquietante e percebedor do seu ambiente, que *distanciamento e contato no ambiente urbano*, no atual contexto, se constituíram geradores de material de criação para a escritura do corpo em performance e promoveram o corpo sensível ao seu ambiente.

Assim, investigamos esses afetos de distanciamento e contato atravessados pela pandemia, e seus reflexos no ambiente urbano a partir da escritura performativa do corpo. Para tal, pesquisamos conceitos de percepção, experiência corporal, relações de contato, espacialidade urbana e lugar e correlacionamo-los ao contexto da crise sanitária para a realização de discussão crítica do corpo em performance; analisamos e identificamos fenômenos da percepção do corpo em ambiente urbano afetado pelo contexto pandêmico para produzir cartografias e performances narrativas a partir da percepção das relações corporais no espaço-tempo em que nos encontramos.

Segundo ROLNIK (2016), é no encontro que os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados, que eles se atraem ou se repelem. A atual crise sanitária de COVID-19 tem provocado mudanças significativas nessa dinâmica ao passo que contato e distanciamento passam a ter novas configurações atravessadas por medidas protocolares obrigatórias que visam conter a propagação do vírus, como o isolamento social e o uso de máscaras, luvas e protetores faciais. É a partir desses novos atravessamentos – sentidos e observados - que surgem as inquietações que norteiam a presente pesquisa. Enquanto cidadã nortista, mulher, mãe e artista afetada pelos desdobramentos da crise sanitária, busco compreender os contatos corporais da cultura regional diante dessas mudanças

sociais. O cidadão nortista é culturalmente caloroso em suas relações interpessoais, sendo a aproximação corporal e o toque características intrínsecas ao seu comportamento. No entanto, diante da obrigatoriedade das medidas de segurança, novas cartografias foram se formando. Visto isso, a pesquisa propõe a ressignificação das percepções espaço-temporais e suas ressonâncias no contexto da crise sanitária pela qual passamos, através da experiência performativa inserida no espaço público.

## 1. PERSPECTIVAS CONCEITUAIS SOBRE CARTOGRAFIA

Apresento o delineamento teórico que forma o composto de discussões acerca da temática *contato distanciamento na pandemia como afetações artísticas*. E nesse sentido, pesquisadora e pesquisados estão implicados na discussão do corpo como processo de interrelação, negociação, o que fará ecoar discursos do corpo em experiência da performance. Os fundamentos que norteiam a pesquisa estão relacionados aos estados de afetações do corpo no ambiente, processos cartográficos, *corpografia* sobre o estudo do corpo-cidade, o sentido de lugar e espaço e a política do poder. A seguir apresentamos as ideias dos principais autores e as articulações no plano da pesquisa.

### 1.1 O CORPO DOS AFETOS - PERCEPÇÃO NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Acolhemos a perspectiva teórica de Deleuze e Guattari (2010), que trata da concepção dos *afectos*, cartografia e plano de imanência e sobre pistas cartográficas. A filosofia, sendo ela criação contínua de conceito(s), se constitui, também, na experiência cartográfica. Mergulhar no plano de imanência da performance é criar conceitos que se elaboram a partir das experiências do corpo no mundo, formam-se então as ideias, interpretações, sentidos, que se relacionam ao mundo dos significados pela vida em atuação, pelo olhar ampliado sobre as vivências das pessoas. Segundo Dewey (2010), o conceito, nesse sentido, o corpo-pesquisador que se insere no campo e caminha lado a lado com o objeto da pesquisa, está ao mesmo tempo modificando e sendo modificado pelos afetos da experiência ao passo que propõe intervenção no plano de imanência onde se insere.

Mas o que é um conceito? Segundo Deleuze e Guattari (2010), o conceito não se refere ao vivido, por compensação, mas consiste, por sua própria criação, em erigir um acontecimento que sobrevoe todo o vivido. O conceito filosófico é criação que se desloca da experiência. Possui caráter abstrato de apreensão intelectual de um objeto, que o diferencia da intuição imediata, da percepção e

de qualquer outra representação meramente sensível de um determinado problema.

*No meio do caminho tinha uma pedra Tinha uma pedra no meio do  
caminho Tinha uma pedra  
No meio do caminho tinha uma pedra Nunca me esquecerei desse  
acontecimento Na vida de minhas retinas tão fatigadas  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho No meio do caminho tinha uma  
pedra. (Drummond de Andrade)*

O ato de viver pressupõe problemas no caminho. O evento pandêmico surge como uma grande pedra que se atravessa na vida de todas as pessoas do planeta e causa o desencadeamento de novas subjetividades em sua relação com as novas realidades político-sociais: ter a sociabilidade cotidiana interrompida, não poder tocar nem se aproximar das pessoas, angústia de viver em isolamento, sobrecarga materna provocada pelo acúmulo de tarefas domésticas, casamentos em crise, profissionais da linha de frente esgotados, uso de equipamentos de proteção individual, trabalho remoto, corpos em situação de rua sem direito ao isolamento, hospitais lotados e *morte mortemorte* mais de 6 milhões de mortes no mundo (fonte: *our world data*), caos do oxigênio, desespero, incompetência governamental diante da crise etc, etc, etc. A crise sanitária de COVID-19 nos coloca diante da necessidade de enfrentar adifícil elaboração conceitual e existencial desses novos modos de existência. Assim, pensamos os conceitos como utensílios existenciais para superar e solucionar esses problemas de difícil elaboração.

Um questionamento essencial: que conceitos exatamente estamos criando e como eles se configuram enquanto *utensílios existenciais* que se elaboram na tentativa de solucionar problemas emergentes na pandemia? Apesar de não ter respostas exatas, os problemas vêm à tona e são coletados através dos discursos dos transeuntes e da experiência individual, onde revelam-

se personagens conceituais que habitam o acontecimento cotidiano e seus utensílios existenciais.

Aqui reside uma grande questão sob o aspecto de *utensílio existencial*. Este conceito, entendo a partir da resposta de cada pessoa na pandemia: vozes de socorro, coisas que eu encontro nos discursos manifestados pelas pessoas. Entendendo que cada pessoa, no sentido deleuziano, cria seus próprios conceitos originados da crise. Segundo Deleuze e Guattari (2010, p.1):

[...] a invenção ou a produção dos conceitos remete à instauração de um "plano de imanência" que, podendo embora ser caracterizado como "pré-filosófico não deixa de ser contemporâneo e indissociável dessa invenção e dessa produção.

O plano é pré-filosófico pois precede a criação de conceitos – que, por definição, é filosofia. Assim, conceito e plano de imanência são estritamente correlacionados, mas não devem ser confundidos. Podemos dizer que as condições do problema filosófico estão sobre o plano de imanência e que este é o primeiro recorte do caos. Por caos, entendemos a crise sanitária de COVID-19, onde os afetos de contato e distanciamento se configuram como plano de imanência, que é onde reside o fazer-ser da cartógrafa, que trabalha na elaboração de conceitos.

Se o conceito é uma solução, as condições do problema filosófico estão sobre o plano de imanência que ele supõe (a que movimento infinito ele remete na imagem do pensamento?) e as incógnitas do problema estão nos personagens conceituais que ele mobiliza (que personagem, precisamente?). (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 105)

Enfrentar a difícil elaboração conceitual e existencial de um momento histórico e nefasto como a crise sanitária de COVID-19, com seus novos processos de subjetivação, é tarefa demasiado pesada para ser encarada sozinha. O caos pandêmico é como um monstro que nos espreita, e o fazer filosófico, enquanto criação de conceitos sobre esse recorte do caos - que são os afetos pandêmicos - implica na criação de personagens conceituais. Os personagens conceituais são como "*heterônimos*" do filósofo, que aqui assume

a forma de cartógrafa e das pessoas envolvidas na crise.

Com os autores PASSOS, E.; EIRADO (2010) proponho a discussão mais direcionada para os aspectos de dispositivos da pesquisa em cartografia. A intenção é trazer a discussão em cartografia modos de experiência em acompanhamento de processo do artista na vida em campo. Faz-se assim, a cartografia, como produtora de linguagem sobre o discurso do cotidiano das pessoas na pandemia e sobre o olhar da própria experiência da cartógrafa. A observação de proposições de atenção, percepções, leituras, significações que são imprescindíveis para guiar a cartógrafa no plano de imanência, por vezes caótico. Aqui, o objeto não cabe em meras representações, mas modifica e é modificado pela intervenção do *Corpo Observador*<sup>1</sup>. As mudanças protocolares obrigatórias, como o uso de equipamentos de proteção individual e o isolamento social, geram uma série de ressonâncias que podem ser observadas e sentidas nas interações sociais. Assim, através do olhar dilatado da cartógrafa, a ida ao campo é acompanhada de dispositivos que direcionam o olhar e ampliam a experiência.

O processo cartográfico, mesmo não possuindo metas previamente definidas, é guiada por dispositivos que nascem em seu percurso. Aqui, o sentido tradicional de método é revertido, de modo que o caminhar é o que possibilita o delineamento das metas, e não o contrário. O modo de fazer é onde apoiamos nossa investigação. A exemplo de um modo de fazer em cartografia, trago o programa performativo em série de Eleonora Fabião, intitulado “Ações Cariocas”, que consiste em 7 ações realizadas em espaço público e urbano, cada uma com uma proposta diferente. A intenção não é gerar imagens, e sim narrativas sobre o que aconteceu, o comentário sobre as situações vividas e diálogos traçados em suas conversas, como ela mesma conta a seguir:

Ações cariocas é um projeto de desintoxicação: expurgar as toxinas do medo via contato, diálogo, fricção. Uma re-apropriação do corpo e da cidade, um através do outro. Ou melhor, uma apropriação do corpo e da cidade como corpo. Ambos corpos em processo de formação mútua, já que a cidade nos faz e nós fazemos a cidade. “Corpos” exatamente

---

<sup>1</sup> O corpo é observador e opera em estados de intercorporeidade<sup>1</sup> dados pela história de vida empenhada em arte, proporcionando condições de um olhar atento, sentido, mergulhado no fazer artístico. Por isso, a experiência na arte alcança uma dimensão outra, que é a experiência poética da observação. A arte do artista está imbuída de experiências e travessias intensas que organizam ao seu modo o olhar para a obra. (CARVALHO, 2020, 14-15).



porque são campos conectivos, porque são entidades relacionais e interdependentes (FABIÃO, 2010, p. 4).

É no encontro que acontece o trabalho de Eleonora Fabião. O encontro de seu corpo com a rua e de seu corpo com outros corpos e subjetividades. Na Ação Carioca #1, a artista vai para o Largo da Carioca, local de grandes contrastes arquitetônicos e fluxo intenso de pessoas, senta-se numa cadeira, os pés descalços, diante de outra cadeira vazia e escreve numa folha de papel: *converso sobre qualquer assunto*. Aparentemente simples, o ato performativo proposto pela artista evoca o estranhamento que quebra discursos hegemônicos, provocando experiências psicofísicas no Eu e no Outro através do encontro entre corpos.



Figura 1 - Eleonora Fabião em registro da Ação #1 - Converso sobre qualquer assunto.

Foto 1 - Felipe Ribeiro (2008)

Em Rolnik (2006) aponto a perspectiva filosófica sobre o campo de atuação da artista para além do que se mostra, atentar aos contornos do mundo ou mesmo as formações de “mundos” que se fazem nos acontecimentos da vida. Nesse caso, na pandemia. As relações de contato e distanciamento, na

pandemia, passaram a acontecer a partir do dilatamento das ideias de vida e morte, atração e repulsão. Segundo Rolnik (2016), a cartografia acompanha e se faz ao mesmo tempo que o *desmanchamento* de certos mundos. Quais são os mundos que se criam e se desmancham para expressar os novos afetos que surgem a partir da atual crise sanitária pela qual passamos? Esse questionamento é um dos direcionadores da ação performativa proposta pela atual pesquisa, que se desenha cartograficamente a partir dos encontros e diálogos entre os corpos no contexto urbano a partir da relação de afetos. Segundo Rolnik (2006) *é no encontro que os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados, se atraem ou se repelem*. A partir desses movimentos de atração e repulsão, os corpos são tomados por uma mistura de afetos.

## 2. NARRATIVAS POLÍTICAS DO CORPO SENSÍVEL NO COTIDIANO

### 2.1 EXPERIÊNCIAS DE SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR

Início com a discussão de Tuan (1983) sobre o sentido de lugar para relacionar as discussões sobre as experiências de significação do campo de atuação. Entendo que há, nesse contexto, a percepção de subjetividade que estão nas porosidades do lugar na espacialidade. Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. " 'Espaço' é mais abstrato do que "lugar". O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar." E nesse sentido "à medida que conhecemos melhor o dotamos de valor" (TUAN, 1983, p. 6).

A partir dos atravessamentos provocados pelas novas configurações psicossociais que emergem durante a pandemia, os conceitos de espaço e lugar se reconfiguram. Os espaços de trocas e interações humanas, por exemplo, passam a ser majoritariamente virtuais. Assim, a experiência se desterritorializa e ocupa outros lugares. Segundo Tuan (1983), experienciar significa atuar sobre um dado lugar e criar a partir dele. O corpo atravessado pelos afetos pandêmicos produz novos conceitos de espaço e lugar a partir da experiência de contato e distanciamento.

Com os estudos de Berenstel e Britto (2010) ampliamos as ideias sobre o corpo na experiência cotidiana. As relações do corpo inserido na cidade configuram o conceito de *corpografia* urbana. Os corpos de carne são corpos sensíveis que encontram nos corpos de concreto abrigo e proteção; são corpos que fluem através das artérias avenidas da cidade para diferentes órgão-lugares. Habitam e circulam por prédios, casas, praças, lojas, cinemas, farmácias, supermercados. Corpos em fluxo de movimento constante inscrevem suas existências no corpo-cidade. Com a pandemia, no entanto, esse fluxo urbano diminuiu drasticamente. As ruas esvaziadas passaram a ser sinônimo de morte e perigo. O silêncio tomou conta. Corpos de carne refugiados em corpos de concreto. Mas o isolamento social não foi igual para todos os corpos.

## 2.2 CORPO NA PERFORMANCE – CORPO DE RESISTÊNCIA

Em Mbembe (2018) filósofo e grande leitor de Foucault, nos apropriamos de seus estudos para discutir mecanismos descolonizadores no período da pandemia e processos de resistência do corpo diante do caos sanitário.

Em tempos pandêmicos, as relações de contato e distanciamento são relações de vida e de morte. Sob esse viés, toda aproximação pressupõe o perigo da morte, e o isolamento sugere a preservação da vida. O isolamento social surge como medida obrigatória, mas não foi possível para todos e foi repudiado por muitos, evidenciando as relações contemporâneas que subjagam a vida ao poder de morte. Segundo MBEMBE (2018), soberania é a recusa em aceitar os limites a que o medo da morte teria submetido o sujeito. Assim, o exercício da soberania consiste no poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer.

Nessa discussão, a temática é trazida a partir dos estudos de Caballero sobre liminaridade (2011, p. 32) com intuito de desenvolver escrituras sobre performativa como corpo de resistência. A partir dessa ideia, Caballero (2011) propõe como limiar a seguinte perspectiva:

Percebo o liminar como um tecido de constituição metafórica: situação ambígua, fronteira, onde se condensam fragmentos de mundos, moribunda e relacional, com uma temporalidade medida pelo acontecimento produzido, vinculada às circunstâncias do entorno. Como estado metafórico, o liminar propicia situações imprevisíveis, intersticiais e precárias, mas também gera práticas de inversão. Entendo estas práticas de inversão – implícitas nos vários processos que aqui investigo – como atos de carnavalização, pelo modo irreverente com o qual parodiam e destronam as convenções, configurando duplos rebaixados – como o de um Ganso Presidente”. As estratégias de carnavalização implicam um olhar político porque subvertem as relações e desestabilizam, pelo menos temporariamente, a lei ou a sua aplicação (CABALLERO, 2011, p.58).

Portanto pode-se afirmar que há uma intensificação e ampliação das questões postas no ato de criação pelo sujeito que molda a si próprio com o objetivo de tornar sua vida uma obra de arte que questione tudo à sua volta. A arte como *Limiar* se constitui em seus processos performativos através do posicionamento consciente de colocar sua vida diante da problematização do

meio em que se vive. Os processos se organizam de diferentes formas através das quais são promovidas experimentações corporais no cotidiano, e trocas com outras linguagens que alimentam a existência de um modo particular e dialético de compreender a arte em um corpo politizado e suas diversas possibilidades de manifestação.

### 3. METODOLOGIA

Este estudo se configura uma **pesquisa qualitativa**, nesse caso, atenta para fenômenos humanos, e é entendido aqui como parte da realidade social, em que o ser humano se diferencia não somente pelas suas ações, mas o “pensar” de forma contextualizada e partilhada dentro e a partir da realidade vivida com os seus (MINAYO, 2007). Assim, entendo que a pesquisa envereda na busca das relações quando afetado pela vida em pandemia.

A pesquisa é de **natureza exploratória**, pois tem o objetivo de proporcionar visão geral aproximativa, acerca de um determinado evento, de modo a torná-la explícito (GIL, 2009). Do ponto de vista da pesquisa aproximar-se da realidade posta foi nosso enfrentamento. Explorar entendimentos sobre a experiência do aproximar-se e afastar-se foi o nosso caminho de elaboração de ideias para criação em ato performativo.

É **pesquisa-intervenção de natureza cartográfica**. O projeto se insere como pesquisa-intervenção por entender que o pesquisador participa da pesquisa no acompanhamento de seus processos por diferentes dispositivos de abordagens, aproximação e imersão no contexto escolhido. Nos direcionamos para os conceitos de Passos e Barros (2010), Passos e Eirado (2010), Rolnik (2016) e Deleuze e Guattari (2010) para tratar a cartografia como linguagem de discursos e como pesquisa-intervenção. Este campo nos deu acesso às informações do universo estudado de modo a habitá-lo, mergulhando no que pode estar oculto, desta forma nos possibilitará o universo da pesquisa em profundidade. A partir da cartografia, foi possível dialogar sobre os fenômenos da experiência perceptiva do ambiente urbano, no que diz respeito ao distanciamento social, em escritura performativa do corpo, guiado pela metodologia utilizada por Eleonora Fabião em *Ações Cariocas*. Foi, deste modo, ir além do que é dado, transbordando a experiência humana reverberada em experiência estética, permitindo a “dissolução do ponto de vista do observador” (PASSOS; EIRADO, 2010).

A adoção dos procedimentos nos exigirá a **análise do discurso e análise do conteúdo** que, aproximando da cartografia, nos permitiu o olhar expandido nos processos de percepção do corpo na espacialidade urbana.

A **análise** teve a participação do pesquisador no ambiente observado, nas ações cotidianas, pessoas, lugares, objetos, sons e as relações que surgiram desses nos entre lugares.

As discussões de resultados são apresentadas por modo cartográfico pessoal criado no percurso do processo de pesquisa. Assim, a condução da narrativa aconteceu pelo que foi percebido, por isso não apresento resultados, mas experiência de corpo na pandemia que me fizeram pensar as exposições dos seguintes critérios:

descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. Aliás, “entender”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima - céus de transcendência -, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. (ROLNIK, 2006, p.66)

Sendo uma pesquisa-intervenção e acolhendo a cartografia, as análises são compreendidas a partir do acolhimento da produção de conhecimento por meio de **descrições e narrativas** do sujeito da pesquisa em que o pesquisador é envolvido no ato da escritura performativa.

No delineamento metodológico apontado, a pesquisa mostra a criação performativa sob o olhar contemporâneo do corpo no ambiente de afetações e manifestação de discursos sobre a pandemia de COVID-19; a produção de narrativas cartográficas de processos criativos; perspectivas teórico-práticas do/no corpo sob olhar para o distanciamento e contato no ambiente urbano; e experimentação em performance por meio dos afetos do lugar.

As estratégias metodológicas desse trabalho atentam para os fenômenos humanos enquanto parte da realidade social, onde o ser humano se diferencia não somente pelas suas ações sobre o que “*pensa/faz*”, mas por “*pensar/fazer*” de forma contextualizada e partilhada dentro e a partir da realidade vivida com os seus (MINAYO, 2007, p.21). A partir disso, a pesquisa-intervenção se debruça no contexto social da pandemia de COVID-19, dentro e a partir do qual novas cartografias afetivas de contato e distanciamento foram se desenhando.

Traçamos caminho de coleta de dados de elaboração de ideias para criação em dança-performance. Trouxemos diferentes dispositivos de abordagens, aproximação e imersão no contexto escolhido, a partir dos quais buscamos compreender as novas cartografias afetivas desenhadas pelo contexto pandêmico. Quais mundos surgiram e tornaram-se obsoletos dentro dessa nova realidade? A população e sociedade como um todo sofreu um grande processo de desterritorialização. Segundo Deleuze e Guattari:

Com o sistema território-casa, muitas funções orgânicas se transformam, sexualidade, procriação, agressividade, alimentação, mas não é esta transformação que explica a aparição do território e da casa; seria antes o inverso: o território implica na emergência de qualidades sensíveis puras, que deixam de ser unicamente funcionais e se tornam traços de expressão, tornando possível uma transformação das funções. [...] Esta emergência já é arte, não somente no tratamento dos materiais exteriores, mas nas posturas e cores do corpo, nos cantos e nos gritos que marcam o território. É um jorro de traços, de cores e de sons, inseparáveis na medida em que se tornam expressivos (conceito filosófico de território). (DELEUZE, GUATTARI, 1991, p.237)

A presente pesquisa-intervenção propõe um movimento *desterritorizante* em relação ao acontecimento pandêmico, entendido aqui como *território*. Isso significa buscar *linhas de fuga*, de modo a criar conceitos e ressignificar os afetos da pandemia, pois quando um território se torna muito apertado, a cartografia se encarrega de apontar suas linhas de fuga. A linha de fuga é esta linha que arrasta toda a subjetividade para um campo novo e a transfigura no processo. Ela é a quebra, a rachadura em uma subjetividade fechada, imposta pela nossa sociedade. Percorrer estes caminhos é o fazer-performativo que propomos aqui. Para guiar esse caminho, me aproprio da metodologia proposta por Eleonora Fabião em suas *Ações Cariocas*, do início dos anos 2000, e faço ressignificações a partir do contexto pandêmico. *Ações Cariocas* é um programa performativo composto por 7 ações, cada uma com uma proposta diferente:

- levar duas cadeiras da cozinha de sua casa até o Largo da Carioca, levantar um papel com os dizeres “converso sobre qualquer assunto” e esperar;



- ler o capítulo sétimo de Brás Cubas de Machado de Assis;
- distribuir reproduções de ilustrações do livro Largo da Carioca 1608 a 1999 – um passeio no tempo, do autor GUTA;
- recortar os dizeres da bandeira nacional “ordem e progresso” e reorganizá-los de forma a recombinar letras e formar novas palavras;
- oferecer uma sessão de Reiki, para pessoas conhecidas, desde que a pessoa aceitasse se deitar no chão da rua em cima de um papelão;
- fazer com que a água constantemente repassada de um jarro de barro para outro de metal desaparecesse;
- polir no chão de pedras portuguesas do Largo da Carioca uma linha contínua.

O que todas essas ações têm em comum, é o encontro com o Outro, que por sua vez é possibilitado pelo encontro com a Rua, e isso acontece na medida em que a artista se estabelece no espaço e passa a dialogar com outros corpos. Eleonora Fabião propõe um movimento *desterritorizante* à medida que seu *corpo cênico* produz uma rachadura na rotina das cidades, onde corpos existem sem perceberem a si mesmos e a outros corpos. Desse movimento de desestruturação da organização vigente, surge um *corpo sem órgãos*. Diferentemente dos encontros forçados pela rotina, o encontro proposto por Eleonora Fabião só é possível a partir de um *sim*. O Outro precisa estar de acordo para que essa relação ocorra. Quando existe o consenso do encontro entre performer e transeunte, neste momento não se trata mais de corpos dormentes - são *corpos vibráteis* com subjetividades em tensão, que se olham, despertam sentidos e comunicam, e assim as barreiras hegemonicamente impostas pela rotina se desmancham, e novas possibilidades de coexistência são criadas durante a ação.

Para um maior entendimento sobre alguns termos aqui propostos, como corpo cênico, corpo sem órgãos e corpo vibrátil, trago suas definições. Corpo Cênico, por Eleonora Fabião:

O corpo cênico está cuidadosamente atento a si, ao outro, ao meio; é o corpo da sensorialidade aberta e conectiva. A atenção permite que o macro e o mínimo, grandezas que geralmente escapam na lida cotidiana, possam ser adentradas e exploradas. Essa operação psicofísica, ética e poética desconstrói hábitos.<sup>12</sup> O corpo cênico

experimenta espaço e tempo potencializados e, também, o corpo cênico potencializa tempo e espaço. O corpo da cena investiga temporalidade, inventa minutagens e métricas, ocupa dimensões simultâneas do real. O nexos do corpo cênico é o fluxo. O passageiro, o instantâneo, o imediato – rajada, revoada, jato. Nascendo e morrendo; nascendo-morrendo. O corpo fluido e fluidificante é a matriz espaçotemporal da cena.<sup>1</sup>. (2010, p. 322)

#### Corpo-sem-órgãos, pelo vocabulário Deleuze de François Zourabichvili:

Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 13)

#### Corpo vibrátil é cunhado por Suely Rolnik:

a segunda capacidade, subcortical, que por conta de sua repressão histórica nos é menos conhecida, nos permite apreender o mundo em sua condição de campo de forças que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. O exercício desta capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem. Com ela, o outro é uma presença viva feita de uma multiplicidade plástica de forças que pulsam em nossa textura sensível, tornando-se assim parte de nós mesmos. Dissolvem-se aqui as figuras de sujeito e objeto, e com elas aquilo que separa o corpo do mundo (...) chamei de “corpo vibrátil” esta segunda capacidade de nossos órgãos dos sentidos em seu conjunto. É nosso corpo como um todo que tem este poder de vibração às forças do mundo (ROLNIK, 2006, p.3)

Para a presente pesquisa-intervenção, trago como proposta performativa uma releitura da metodologia da Ação #1 do programa *Ações Cariocas* de Eleonora Fabião, por acreditar que, enquanto prática poética de performance em espaço urbano, a artista traz questões que dialogam com os delineamentos deste trabalho de pesquisa, como as relações do corpo no espaço urbano, cartografia dos afetos em performance, corpo de resistência, arte decolonial, enfrentamento do espaço público e o *fazer precário*. Segundo Eleonora Fabião, a precariedade é uma estética e potência criativa impulsionadora de movimentos. O conceito de precário aqui abordado é pensado como algo diretamente relacionado à prática da performance e à exploração das potências do corpo, e não como uma falta ou ausência que limita e se autoimpõe.

A pandemia de COVID-19 trouxe transformações que mudaram os fluxos e características dos grandes centros urbanos, como a forma de circular e vivenciar as ruas da cidade, influenciando diretamente o corpo dos transeuntes. Acredito que trazer como intervenção cartográfica e performática a releitura da Ação #1 de Eleonora Fabião evoca questões complexas e de relevante discussão no cenário atual da arte contemporânea, pois a artista toca em temas delicados à arte brasileira, tais como: decolonização dos corpos, performance em espaços urbanos, ética e arte relacional. No programa original proposto pela artista, a Ação #1 consiste em **levar duas cadeiras da cozinha de sua casa até o Largo da Carioca, levantar um papel com os dizeres “converso sobre qualquer assunto” e esperar**. A disposição das duas cadeiras no espaço - uma de frente para a outra - parece demarcar a criação de um microterritório preenchido pela fala, a escuta e o olhar trocado entre os dois corpos, evocando movimentos desterritorizantes e criando um novo território onde o encontro é possível.

Os encontros entre corpos mudaram drasticamente durante o período de isolamento social: passaram a ser majoritariamente intermediados por telas de computadores e *smartphones*. Para adentrar nos campos de subjetividade e cartografar os novos afetos que emergem do contexto pandêmico, levo para as ruas do centro de Manaus a releitura do trabalho supracitado de Eleonora Fabião, onde eu proponho a *contaminação* da metodologia da artista pelos atravessamentos da pandemia, fazendo emergir novas ações a partir das ações originalmente propostas por ela, com o objetivo de tecer narrativas que dialoguem com um dos temas de maior relevância da atualidade, que é a pandemia de COVID-19 e suas implicações nas relações humanas.

Assim, pensamos em cinco dispositivos que vão guiar a ação performativa:

- Diálogos a partir de eixos temáticos, por entendermos que essa escolha favorece a espontaneidade da conversa e facilita o fluxo da liberação de dados;
- observação das expressões do outro, como vozes, corporalidade e possíveis estados de atenção;

- percepção do lugar, por entendermos que o espaço geográfico delimita/desenha/afeta as relações de contato e distanciamento entre corpos;
- memória corporal, enquanto ferramenta de registro e entendimento das expressões do outro;
- criação (que surge como proposta performativa a partir dos dados coletados e da elaboração de ideias).

A partir desses dispositivos e da metodologia de Eleonora Fabião, trago as seguintes ações:

- Levar duas cadeiras, um bloco de folha A3 e um pincel atômico para a Praça da Matriz;
- Dispor as cadeiras uma de frente para a outra em local de grande circulação de pessoas;
- Sentar em uma das cadeiras e escrever no papel: CONVERSO SOBRE A PANDEMIA;
- Segurar a folha de papel, fazer contato visual com os transeuntes e esperar alguém sentar;
- Conversar com quem se sentar, anotando palavras e frases que chamam a atenção nos discursos;
- Espalhar os papéis no chão e/ou colar nos arredores,
- Dançar os relatos se for provocada no percurso.

#### 4. DIÁLOGOS CORPORAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA PANDÊMICA

*Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago.” (ROLNIK, 2006, p.11)*

Para iniciar a discussão, penso ser importante falar sobre dados estatísticos da pandemia. No dia 17 de novembro de 2019, uma pessoa de 55 anos, moradora da província de Huebei, na China, foi diagnosticada com a doença do coronavírus SRA-CoV-2. Oficialmente, esse foi o primeiro caso registrado de COVID-19 do mundo. No momento em que escrevo essas palavras, estamos prestes a completar 3 anos do surgimento de uma nefasta doença que levaria a vida de mais de 6 milhões de pessoas no planeta terra. Até hoje não se pode afirmar com precisão a origem do SRA-CoV-2. Segundo Lopes (2021), um relatório da OMS sobre as origens da COVID-19, emitido em 2021, considera altamente provável a hipótese de que a doença teria sido passada aos humanos por intermédio de um animal mamífero de médio porte infectado com o vírus por um morcego. Já em 2022, um documento emitido pelo governo dos EUA aponta para um vazamento dos laboratórios de Wuhan como a origem mais provável da pandemia. Longe de chegar a um consenso sobre suas verdadeiras causas, o que sabemos é de seus efeitos sobre as relações humanas e sobre os corpos que de repente foram tomados por uma mistura de afetos e intensidades muito específicos.

#### 4.1 E, DE REPENTE... TUDO MUDOU - PERCEBENDO E DISCUTINDO UTENSÍLIOS EXISTENCIAIS

Com a pandemia de COVID-19, mundos se desmancharam ao passo que outros foram se (re)configurando num movimento dinâmico de vida-morte-vida. Todas as pessoas do mundo, em maior ou menor grau, experienciaram uma série de mudanças nos mais diversos campos da vida, na micro e na macropolítica.

Segundo ROLNIK (2006), micropolítica é um termo que se refere às

questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva. Esse tipo de indagação se impôs a mim desde sempre, pela necessidade de enfrentar a difícil elaboração conceitual e existencial da dimensão micropolítica, bem como sua articulação com a macropolítica, nos embates entre as forças que permeiam a produção de realidade. (p. 11)

As mudanças comportamentais impostas pela atual crise sanitária são parte dos novos processos de subjetivação (micropolítica) que acompanham o contexto pandêmico. O movimento aqui segue um fluxo constante de desterritorialização e reterritorialização, desmanchamento e surgimento de novos modos de ser e existir no mundo. A primeira grande mudança enfrentada pelas pessoas foi o confinamento. A ordem era clara: não sair de casa, apenas em casos de extrema necessidade. A polícia circulava nas ruas oprimindo ostensivamente qualquer saída que não fosse estritamente necessária. As “saídas necessárias” envolviam idas aos supermercados, hospitais e farmácias. O caos e o medo eram tão difundidos que algumas pessoas passaram a comprar em grande quantidade e fazer estoque de mantimentos em casa. Uma série de protocolos de segurança foram implementados na tentativa de conter a disseminação do vírus, que se espalhava a uma velocidade assustadora. Mesmo com todas as recomendações sanitárias e com as notícias de hospitais e cemitérios lotados, houve quem não acreditasse na gravidade da situação. Houve quem achasse que era só uma “gripizinha”. Festas clandestinas aconteciam paralelamente ao caos sanitário que se instaurava. Blogueiras apareciam em *stories* nas redes sociais desrespeitando as recomendações de

isolamento. *Fake News* se espalhavam quase que na mesma velocidade que o vírus, levando ainda mais caos e desinformação às pessoas. No ambiente privado, as problemáticas familiares se dilataram e muitas relações se desmancharam. Com as escolas fechadas e a necessidade de acompanhamento das atividades de ensino a distância, mães ficaram ainda mais sobrecarregadas. Casos de depressão se agravaram. O tempo de exposição aumentou exponencialmente. Por outro lado, estar em casa possibilitou restabelecer um convívio que em muitas famílias havia sido perdido devido às rotinas exaustivas de atividades extradomiciliares. Esses são alguns dos exemplos de novas subjetividades que surgiram na pandemia.

A pesquisa-intervenção cartográfica se compara a um banquete antropofágico, onde o prato principal são os atuais tempos pandêmicos com seus corpos confinados ou não, afetados e atravessados pelas novas configurações de contato e distanciamento que delineiam e definem as experiências de vida e morte. Os diálogos sobre a pandemia, tecidos com transeuntes durante o experimento performativo aqui proposto, visam esse mergulho no plano de imanência da experiência. Através de seus relatos, e mesmo daquilo que não é dito, traçamos uma cartografia dos afetos pandêmicos experienciados por eles, criando um microterritório onde é possível falar e ser ouvido. A fala e a escuta, dentro dessa proposta de quebra das hegemonias da cidade através da ação performativa, não possui caráter iluminador ou educativo ou terapêutico, mas faz emergir, através dos relatos, as subjetividades pandêmicas, possibilitando a percepção das personagens conceituais e dos utensílios existenciais criados enquanto forma de resistência à experiência da crise sanitária pela qual passamos. Além disso, possibilita o encontro, o olhar e a troca entre corpos pós-confinados, agora corpos vibráteis, que reapropriam e ressignificam mutuamente os espaços urbanos e as formas de circular e vivenciar as ruas da cidade. Num contexto pós-isolamento, esses encontros se fazem ainda mais potentes e necessários.

## 4.2 PRIMEIROS CONTATOS - AFETAÇÕES DO ESPAÇO

*Lugar é uma pausa no movimento.  
(TUAN, 1984, p. 151)*

A Praça XV de Novembro, mais conhecida como Praça da Matriz, foi o local escolhido para realizar o experimento cartográfico-performativo, que aqui eu chamarei de “Converso sobre a pandemia”. A escolha pelo local deu-se em razão de estar localizada bem no meio de uma encruzilhada cravada no centro histórico de Manaus, por onde pessoas dos mais diversos tipos circulam e se encontram, indo e vindo das ruas de intenso comércio do entorno.



*Foto 1 - Vista aérea da praça e seu entorno.*

Para chegar ao Centro de Manaus, partindo da Zona Centro Oeste, existem vários caminhos possíveis. Pode-se ir pela Av. Djalma Batista ou pela Constantino Nery, ou evitar as grandes avenidas e cortar caminho pelas estreitas ruas do bairro Alvorada. É possível também ir pelo Ajuricaba ou Redenção, pegando então a Av. Torquato Tapajós.

Às 14h, saí da Zona Centro Oeste, onde eu moro, em direção à Praça da



Matriz, pela Av. Djalma Batista. Chegando no local, um caminho de muitos ruídos e fluxo intenso de pessoas por todos os lados. Muitas buscavam abrigo do forte sol nos bancos embaixo das árvores centenárias da praça. Poeira, calor e diferentes ofertas, escritas em placas ou faladas ou subentendidas, de café e limonada dos venezuelanos à óculos de sol e consertos de relógios e utilitários domésticos... Os contrastes são intensos. O enorme prédio espelhado da Receita Federal e o Relógio histórico de mais de 90 anos, pessoas de diferentes nacionalidades e seus idiomas que se misturam formando uma massa sonora caótica e interessante.



*Figura 2 Relógio da Matriz e prédio espelhado em contraste.*

Por se tratar do centro histórico da cidade, a arquitetura é majoritariamente clássica, mas o enorme prédio espelhado se impõe na paisagem, como um mal presságio das promessas de falso progresso que ameaçam à espreita. O barulho das pessoas, dos carros, dos animais que fazem morada na praça, começa a ficar mais intenso, acompanhando o calor escaldante de uma típica tarde manauara.

#### 4.2 SENSACIONES QUE EMERGEM A PARTIR DO OUTRO

Caminhei por todo o perímetro da Praça da Matriz, com duas cadeiras fechadas embaixo de um braço, e no outro braço um bloco de folhas A3. Me deixei contaminar pelos estímulos sensoriais que emergiam do espaço, com tudo que ele abriga: pessoas, carros, animais, cheiros, sons, e um calor cada vez mais intenso. Esse emaranhado de sensações foi me causando um tipo de torpor muito específico, como se eu fosse entrando aos poucos em um estado alterado de consciência. Buscava presença e conexão ao fazer contato visual com todos que passavam por mim. Já cheguei na praça em estado de alerta por saber que ali é um local de grande concentração de pessoas em situação de rua e usuários de drogas, mas não me senti diretamente ameaçada e hostilizada. Ainda assim, tive medo, um medo que não existe sem razão de ser, mas que também é fruto de um olhar amarrado por pré-conceitos. Nesse momento, tentei desarmar os olhos e confiar na imprevisibilidade da situação, continuando minha ação pelo espaço sem deixar de considerar minha vulnerabilidade diante do imprevisto. Exaurida pelo calor e pela caminhada, encostei-me nas grades que circundam a praça e me deixei ficar ali enquanto esperava um amigo que faria os registros da ação.



*Figura 3 - Grades no entorno da Praça da Matriz: espera e descanso.*

A maioria das pessoas que circulavam pelo espaço não usava máscara, o que pode ser interpretado como desejo de enterrar os mortos e retomar uma vida pré-pandêmica, mesmo que isso signifique assumir - ainda que inconscientemente - os riscos de um possível adoecimento por COVID-19, tendo em vista que a pandemia ainda não acabou. Nesse momento, me senti ainda mais vulnerável e exposta, apesar de estar usando máscara de proteção individual.

Iniciei, então, minha ação performativa, dispondo uma cadeira de frente para outra no meio do passeio público. Tirei os tênis e me sentei em uma das cadeiras, e logo em seguida peguei o bloco de folhas A3 e escrevi na primeira página “CONVERSO SOBRE A PANDEMIA”



Antes  
sentar na

*Figura 4 - Início do ato performativo "Converso sobre a pandemia".*

mesmo de  
cadeira,

enquanto eu organizava o espaço, já percebi muitos olhares curiosos. Eram poucas as pessoas que passavam por mim sem deixar transparecer uma clara sensação de estranhamento. Quase todas liam a placa com curiosidade. Tentei fazer contato visual cordial com todas elas; a maioria retribuía o contato timidamente, sempre mantendo alguma distância. Não sei quanto tempo eu passei sentada na cadeira sem que ninguém ousasse sair de suas costumeiras rotas para sentar comigo e conversar. Havia claramente uma resistência por parte dos transeuntes em ceder tempo e espaço para uma estranha segurando uma placa que fazia uma oferta nada típica: conversar sobre a pandemia. Não obstante, a ideia de revirar ossos e traumas de um momento histórico tão devastador e ainda tão recente, pode não parecer uma atividade exatamente agradável. Nesse momento, senti que havia uma rejeição mais direcionada ao tema da conversa do que à ação em si. Curiosamente, três pessoas se aproximaram de mim para oferecer dinheiro, insistindo diante da minha recusa e sem intencionalidade de sentar na cadeira, tendo em vista suas expressões



*Figura 5 - Afetos de contato e distanciamento na experiência performativa.*

corporais que transpareciam uma tensão entre o querer aproximar-se para exercer a caridade e o querer distanciar-se para não ter nenhum contato para além disso, como se puxadas por duas forças contrárias.

### 4.3 ENTRE O CONTATO E O DISTANCIAMENTO

Quanto estranhamento pode provocar a tensão paradoxal causada pela junção de duas palavras que evocam sensações contrárias? Na mesma frase, a palavra *conversa* - que pressupõe aproximação e contato - e a palavra *pandemia* - que pressupõe contaminação e logo evoca o desejo de distanciamento.

A observação das expressões corporais do outro me leva a perceber um abismo entre o desejo do encontro proposto pela conversa e o medo/desconfiança evocados pela palavra *pandemia*. Afinal, quão dispostas estão as pessoas a revirar os túmulos de seus parentes mortos e reviver lembranças de traumas recentes?

Aqui, o desejo de esquecimento é potência criadora de novos mundos erigidos sobre escombros pandêmicos. Se por um lado a memória é um direito, por outro pode ser uma prisão.

Na perspectiva deleuziana, o presente, como diferença da memória, surge no esquecimento. Segundo Nietzsche, assim como toda vida orgânica não apenas necessita de luz, mas também da escuridão, esquecer torna-se uma ação precisa para o fortalecimento da vida.

É sob essas perspectivas que considero o afeto de distanciamento que o ato performativo evocou na maioria dos transeuntes enquanto elaboração de um corpo de resistência diante dos acontecimentos vividos durante a pandemia. Não obstante, o encontro com o outro, através da conversa, possibilita a construção de estratégias de elaboração dos acontecimentos e o surgimento de um *corpo vibrátil* que vai emergindo à medida em que os discursos se desprendem do emaranhado de memórias.





Figura 6 - Diálogos sobre a pandemia.

#### 4.4 A POTÊNCIA CRIADORA DO ENCONTRO

Não sei quanto tempo eu passei segurando aquele bloco de folhas A3 estacionado na primeira página. À minha frente, a cadeira vazia denunciava o medo do contato, medo esse que sempre existiu, mas certamente se dilatou durante a pandemia. Para além do contexto da crise sanitária, no entanto, sentar diante do outro - olho no olho - sempre foi um ato de coragem e ousadia. Dizer *sim* à vulnerabilidade da exposição é um ato de coragem e ousadia. Abrir a caixa

preta do peito diante de uma desconhecida é um ato de coragem e ousadia.

...*sabe-se lá*” quanto tempo eu fiquei por ali, até que... BUM! Um encontro aconteceu, possibilitando a primeira conversa. O encontro entre corpos possibilita o *exercício de aproximação do finito ilimitado*.

Segundo ROLNIK (2006), a *análise do desejo* é:

o exercício de criação de um campo onde se possa conquistar intimidade com o finito ilimitado, o que, muitas vezes, só é possível fazer acompanhado. Um campo onde se possa vivenciar e reconhecer as formas de resistência a essaintimidade que se costuma acionar no dia-a-dia, as estratégias que o desejo monta para sabotá-la. Vivenciar e reconhecer o desperdício de vida que há nessas estratégias. E aí afrontar as rupturas de sentido, os vácuos de território, sem recorrer a esses velhos vícios. (p.75)

A primeira pessoa a sentar-se foi um homem de iniciais N.H., 37 anos, branco, com sotaque sulista. Sua voz baixa e os olhos que passeavam pelo ambiente, evitando contato visual comigo, denotava uma pessoa tímida. Me apresentei e fiz apenas uma pergunta: como foi a pandemia para você? O suficiente para que ele iniciasse um verdadeiro monólogo, que eu atravessava vez ou outra, sutilmente direcionando seus discursos para os eixos temáticos que elaborei; por outras vezes apenas ouvi, sem fazer nenhum direcionamento ou qualquer intervenção verbal. Seguindo o programa performativo aqui proposto, a conversa se desenrolou ao passo que eu registrava no papel as palavras mais repetidas, ou aquelas às quais ele dava ênfase vocal, sendo a entonação da voz um bom indicativo de intensidades.

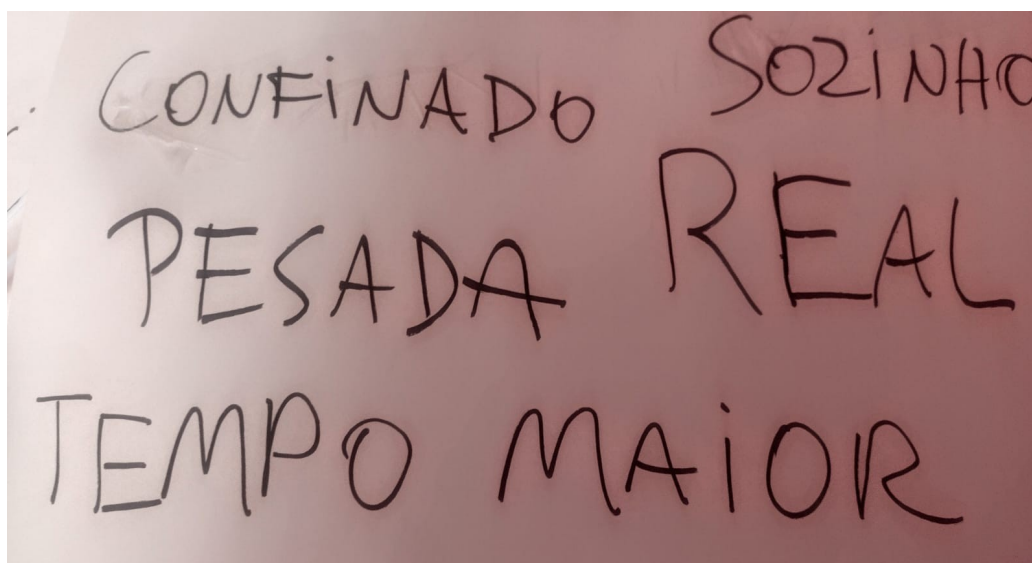


Figura 7 - Capturas de N.H.

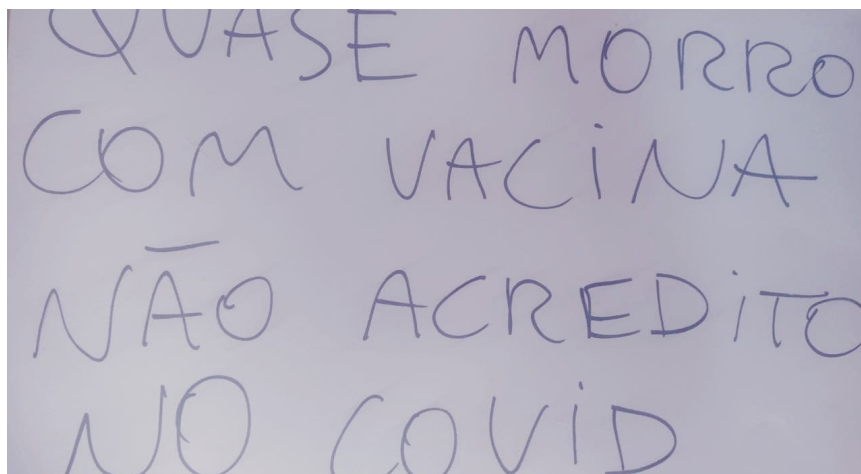


*Figura 8 - Diálogos com H.L*

A segunda pessoa a sentar foi um homem de 34 anos, baixo, franzino, pele avermelhada, fenótipo indígena, de iniciais H.L. Expansivo e comunicativo, ele se aproximou inicialmente para perguntar se eu precisava de ajuda, se estava pedindo dinheiro, passando necessidade. Respondi que não e perguntei se ele aceitava sentar para conversar sobre a pandemia, no que ele imediatamente aceitou. Seu modo de sentar era despojado: as pernas abertas e um dos braços apoiados no encosto da cadeira. Olhava fixamente nos meus olhos.

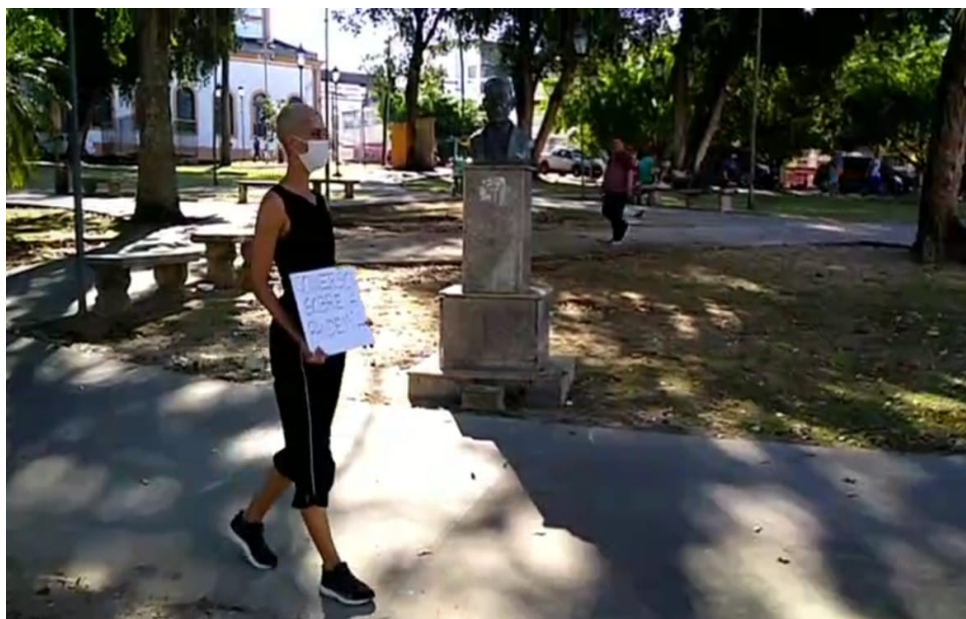


O que mais me chamou atenção no discurso de H.L. foi sua postura de negação do vírus e da pandemia. Disse que gostava de “estar na onda” e que o vírus era uma invenção. Apesar disso, relatou a perda de familiares, que ele não atribuiu ao vírus, e sim ao caos hospitalar.



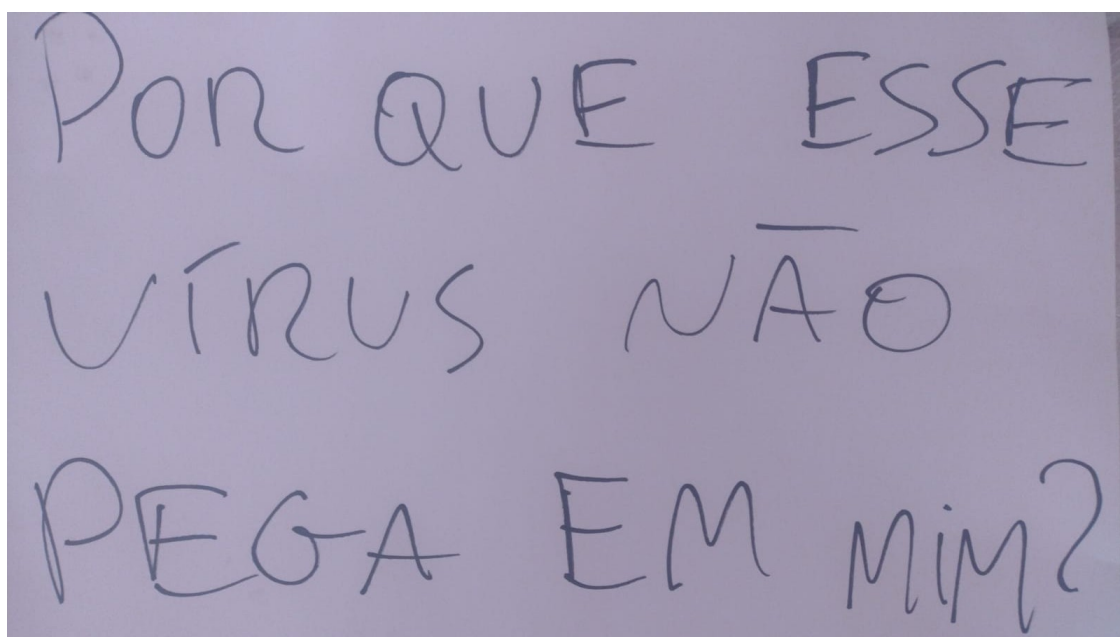
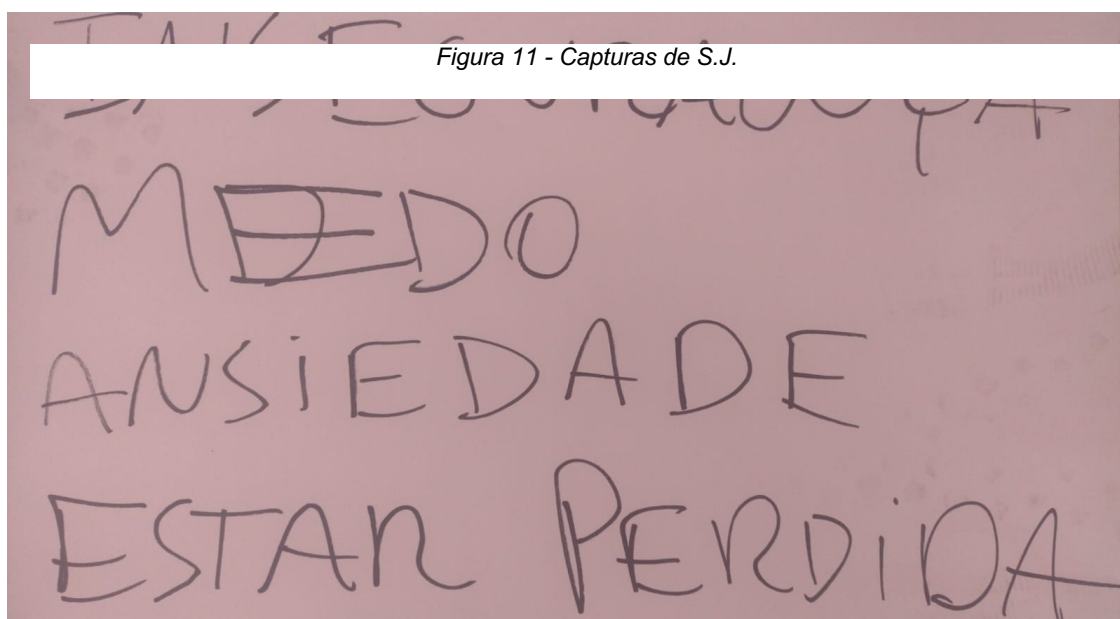
*Figura 9 - Capturas de H.L.*

Após os dois primeiros encontros, passei um bom tempo sentada esperando que outros encontros acontecessem espontaneamente. Durante o tempo que permaneci ali, muitas pessoas passaram por mim. Muitos olhares curiosos, mas a cadeira permaneceu vazia por um bom tempo. Resolvi, então, adotar outra estratégia, agora mais ativa: munida do bloco de papel nas mãos, caminhei pelo entorno da praça, cumprimentando pessoas e ensaiando aproximações; muitas pessoas ocupavam os bancos; algumas levantavam ou viravam o rosto diante da minha aproximação, expressando claramente a indisposição para a ação proposta.



*Figura 10 - Mudança de estratégias.*

Pouco tempo depois, duas jovens aceitaram minha aproximação, ao que iniciamos a conversa. A primeira, de iniciais S.J., 20 anos, é uma pessoa que denota certa fragilidade física, mas se mostrou muito aberta ao encontro. Ela falava rápido e compulsivamente, pés e mãos inquietos sinalizavam uma certa ansiedade. Repetiu muitas vezes que odiava a família e que a pior parte da pandemia foi ter que ficar confinada com os familiares. Falou em medo, ansiedade, depressão e suicídio. Sentada ao seu lado, estava M.E., 19 anos, namorada de S.J. Ao contrário de S.J., M.E. aparentava força física e boa saúde, mas falava pouco e quase não se movimentava, denotando uma certa introversão. Seus discursos tinham muitos pontos em comum, dos quais eu destaco o desejo de morrer e problemas familiares intensificados pelo confinamento. Ambas relataram a sensação de estarem perdidas e verem no confinamento a oportunidade de autoconhecimento.



Após os encontros e as capturas de intensidades registradas nos papéis, seguindo o programa performativo, espalhei as páginas pelo chão e pelas grades da praça. Feito isso, tornei a ler cada uma delas, deixando que as subjetividades ali expressas me atravessassem numa espécie de re-contaminação pelo outro, que já tinha acontecido desde o começo e que eu buscava intensificar nesta última ação. Mergulhada nas intensidades, o corpo vibrátil, me deixei estar ali,

ainda aberta ao encontro, sentindo o movimento pulsante da praça.

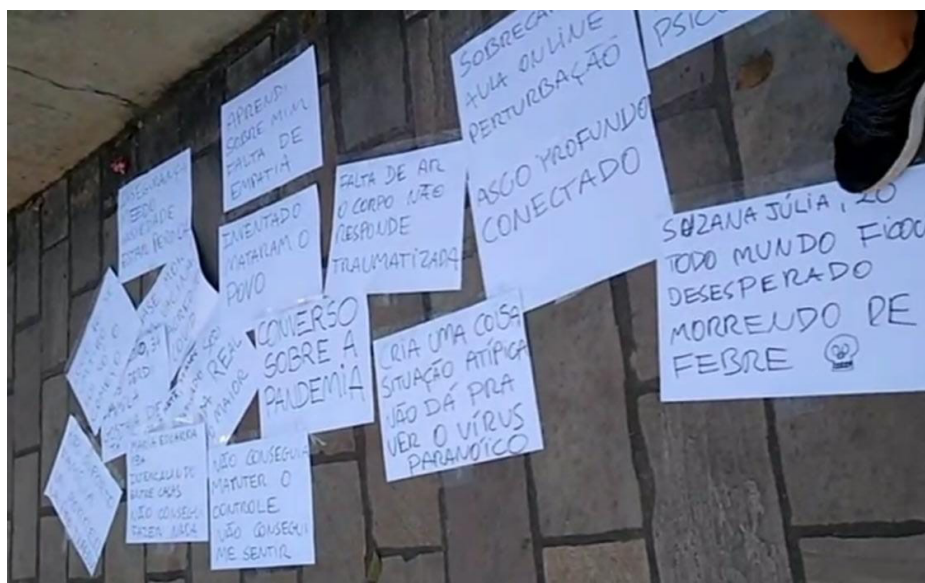


Figura 13 - Intensidades no chão da praça.



Figura 14 - Intensidade nas grades da praça.





*Figura 15 - Intensidades sobre o corpo.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] *artists don't make art, they make conversation. They make things happen.*  
(William Pope. L, *The Friendliest Black Artist in America.*)

No início dessa pesquisa, eu achava que deveria produzir um conteúdo focado em metas bem delimitadas e objetivos fechados, mas os caminhos traçados pelos diálogos e orientações me direcionaram para a descoberta de outros modos de fazer pesquisa acadêmica. A escolha pelo método cartográfico, a despeito dos tradicionais engessamentos acadêmicos, se mostrou muito mais compatível com meu modo de existência no mundo, possibilitando um desenho de pesquisa mais orgânico, que é e se constrói no próprio fazer.

Mesmo optando por organizar a pesquisa da forma tradicional - por capítulos - senti que a escolha pelo método cartográfico extrapolou as barreiras da convenção.

Ao me debruçar sobre os conceitos de Suely Rolnik, que eu considero o maior referencial para essa pesquisa, ampliei minha percepção e entendimento acerca do fazer cartográfico presente na obra de Eleonora Fabião, abrindo espaço para o estudo aprofundado de termos *corpo cênico*, *corpo sem órgãos* e *corpo vibrátil*.

Entender as relações do corpo no ambiente urbano foi fundamental para elaborar conceitos sobre as relações de contato e distanciamento durante a pandemia. Os processos de elaboração de conceitos a partir da experiência pandêmica se organizam de diferentes formas através das quais são promovidas experimentações corporais no cotidiano, e trocas com outras linguagens que alimentam a existência de um modo particular e dialético de compreender a arte em um corpo politizado e suas diversas possibilidades de manifestação.

Ao propor movimentos desterritorizantes em relação ao acontecimento pandêmico, a presente pesquisa-intervenção criou linhas de fuga que possibilitaram a criação de conceitos, resignificando os afetos da pandemia. A linha de fuga é esta linha que arrasta toda a subjetividade para um campo novo e a transfigura no processo. Ela é a quebra, a rachadura em uma subjetividade

fechada, imposta pela nossa sociedade. Percorreremos estes caminhos ao levar para o contexto urbano o corpo em performatividade, convidando corpos pós-confinados ao encontro com o outro.

A proposta de releitura da obra *Ações Cariocas*, de Eleonora Fabião, foi fundamental para trazer a ressignificação dos afetos pandêmicos. Ao apropriar-se da sua metodologia, pude elaborar um programa performativo contaminado pelos atravessamentos da crise sanitária, trazendo os diálogos como acionadores dos processos de elaboração de subjetividades.

Enquanto artista-performer, poder experimentar a performatividade do corpo inserido no contexto urbano, depois de um longo período de isolamento social, suscitou muitas elaborações acerca dos afetos vividos em pandemia. O encontro com o outro permitiu um sobrevoo no campo da experiência, possibilitando o surgimento de novos mundos que se erguem a partir do contato e do distanciamento.

Por fim, ao propor movimentos desterritorizantes que deslocam a experiência cotidiana da pandemia para um contexto de encontro e criação, a performance desenha cartografias afetivas que criam esse lugar de potência, trazendo novas perspectivas e elaborações acerca dos acontecimentos vividos.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BERENSTEI, J.; Britto, F. (Orgs.). **Corporalidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010.

CABALLERO, I. D. **Cenários liminares: teatralidades, performances e política**. Tradução: Luis Alberto Alonso e Angela Reis. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CARVALHO, M. R. R. **O corpo observador em estado compositivo: Atos de criação artística**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação Artes da Cena – Instituto de Artes UNICAMP, 2020.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** 3ª. ed. Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.  
 \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2ª. ed. vol.1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FABIÃO, Eleonora. **Performance, Teatro e Ensino: Poéticas e Políticas da interdisciplinaridade**. In: Cartografias do ensino do teatro. Adilson Florentino e Narciso Telles (orgs.). Uberlândia: EDUFU, p. 61-72, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Performance e teatro: poética e políticas da cena contemporânea**.

São Paulo, Revista Sala Preta, pp. 235-46, 2009b.

\_\_\_\_\_. **Ações cariocas: 7 Ações para o Rio de Janeiro**. Revista Cavalos Loucos, n. 8, jul, p. 14- 18, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Corpo cênico, estado cênico**. Revista Contrapontos. Vol. 10 – n. 3 – p. 321- 326 / set-dez, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Programa performativo: O corpo em experiência**. Revista do Lume – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais (UNICAMP), n. 4, Dez. Campinas, 2013.



\_\_\_\_\_. **Ações**. Rio de Janeiro: Rumos Itaú Cultural, 2015.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. São Paulo: Atlas, 2009.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. Tradução de Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva,

LEPECKI, A. **No metaplano, o encontro**. In: ESPÍRITO SANTO, C.; FABIÃO, E.; SOBRAL, S (org.). Encontro. São Paulo: 2013a, p. 112-119.

\_\_\_\_\_. **9 variações sobre coisas e performance**. Tradução de Sandra Meyer. Revista Urdimento, n. 19, Nov., 2012.

\_\_\_\_\_. **O corpo colonizado**. Revista Gesto. Centro Coreográfico do Rio de Janeiro, no 2, v. 6, 2003.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 1 ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

QUILICI, C.S. **O campo expandido: arte como ato filosófico**. Revista Sala Preta, PPGAC USP. Vol. 14. p. 12-21, 2014.

PASSOS, E.; BARROS, B. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.) Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, E.; EIRADO, A. **Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.) Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RAMOS, L. F. **Mímesis performativa: a margem de invenção possível**. São Paulo: Annablume, 2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina/ Editora da UFRGS, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia deOliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

LOPES, A. **Primeiro caso de covid-19 no mundo completa dois anos**. Revista Exame, publicado em 17/11/2021. Acesso em: 01/05/2022. Disponível em: <https://exame.com/ciencia/primeiro-caso-de-covid-19-no-mundo-completa-dois-anos/>